**OS DESAFIOS COMPLEXOS NO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA: SUPERANDO BARREIRAS E AVANÇANDO NA IDENTIFICAÇÃO PRECOCE**

Elisabete Soares de Santana1

José adeilson da Silva2

Maria Aparecida Espírito Santo da Silva3

Amanda Guedes Barbosa da Silva4

Kele Karoline Pereira Lima5

Alexander Narciso dos Santos Vieira6

Marina Cavalieri Jayme7

Mirelle da Costa Santos8

Thayana Patrícia Freitas de Castro9

Gabriel Barroso Leão10

Gabriel Gomes Knust de Sousa11

Clarkson Henrique Santos Lemos12

Heloísa Caetano Cunha13

Bruna Vasconcelos Bezerra14

Vinícius Nascimento Machado15

**RESUMO:**

**Introdução:** O Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é caracterizado por preocupação excessiva e persistente que compromete a qualidade de vida. Apesar de sua alta prevalência, desafios como a sobreposição sintomática, subjetividade na avaliação, estigmatização e ausência de biomarcadores dificultam a identificação precoce. A diversidade cultural e as barreiras financeiras também contribuem para o subdiagnóstico, reforçando a necessidade de abordagens mais inclusivas e eficazes. **Objetivos:** Analisar os principais desafios associados ao diagnóstico do TAG, destacando barreiras culturais, clínicas e tecnológicas, e propor soluções que promovam a identificação precoce e a melhoria da precisão diagnóstica, contribuindo para um manejo mais eficaz da condição. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão sistemática utilizando os descritores "Diagnóstico Precoce", "Ansiedade Generalizada" e "Barreiras". As bases de dados consultadas foram SciELO, Medline e Lilacs, e o operador booleano "*AND*" foi empregado para refinar a busca. Foram selecionados 14 artigos publicados entre 2020 e 2024 que analisaram os desafios diagnósticos do TAG, aplicando critérios de inclusão e exclusão previamente definidos.**Resultados e Discussões:** Os resultados destacaram que a sobreposição sintomática com outros transtornos mentais e a subjetividade na avaliação são barreiras significativas no diagnóstico do TAG. A estigmatização e a falta de treinamento especializado de profissionais de saúde agravam o subdiagnóstico. A diversidade cultural e a inadequação dos critérios diagnósticos universais também foram apontadas como limitações. No entanto, avanços tecnológicos, como ferramentas de inteligência artificial, e estratégias de conscientização mostram-se promissores para superar essas dificuldades. A integração de serviços de saúde e políticas públicas voltadas ao acesso equitativo são fundamentais para melhorar o diagnóstico precoce e o manejo do TAG. **Considerações Finais:** A identificação precoce do TAG exige uma abordagem multidimensional que combine tecnologia, formação contínua, adaptação cultural e políticas públicas inclusivas. Superar as barreiras existentes é crucial para garantir um diagnóstico mais preciso e acesso ampliado ao tratamento, promovendo melhores desfechos clínicos e qualidade de vida para os pacientes.

**Palavras-Chave:** Ansiedade Generalizada, Barreiras, Diagnóstico Precoce.

**Área Temática:** Ciências da Saúde

**E-mail do autor principal:** elisabetesoares349@gmail.com.

1Farmácia, Faculdade Santíssima Trindade - FAST, Nazaré da Mata - Pernambuco, elisabetesoares349@gmail.com.

2Centro Universitário do Recife - UNIPESU, Recife - Pernambuco, Adeilson.silva2@ufpe.br.

3Farmácia, Faculdade Santíssima Trindade - FAST, Nazaré da Mata - Pernambuco, cidamaria12gl@gmail.com.

4Farmacêutica, Faculdades Nova Esperança - FACENE, João Pessoa - PB. mand\_g@outlook.com.

5Enfermeira, Faculdade de Tecnologia e Educação superior profissional (FATESP), Teresina - Piauí , kelly\_karoline@hotmail.com.

6Medicina, Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos - UNICEPLAC - Gama, Brasília-DF, Brasil, Ansv498@outlook.com.

7Medicina, Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos - UNICEPLAC, Gama - DF, maricjayme@gmail.com.

8Psicologia, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Campina Grande-PB, santos.miirelle@gmail.com.

9Enfermeira, Faculdade Santo Agostinho - Uni FSA, Teresina Piauí, thayanaenfpatricia@gmail.com.

10Medicina, Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos- UNICEPLAC, leaospain@gmail.com.

11Medicina, Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos - UNICEPLAC, gabriel.sousa@medicina.uniceplac.edu.br.

12Tecnólogo em Radiologia, Instituto Federal do Piauí - IFPI, Teresina-PI clarkhenryque@gmail.com.

13Medicina, Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos - UNICEPLAC, heloisacaetanomed@gmail.com.

14Enfermeira , Universidade Estadual do Maranhão-UEMA , Santa Inês-MA, brunavasconsellos19@gmail.com.

15Médico, Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC, Gama, Brasília-DF, Brasil, vininmachado@hotmail.com.

**1. INTRODUÇÃO**

O Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é uma condição crônica marcada por preocupação excessiva, persistente e difícil de controlar, que afeta significativamente a qualidade de vida dos pacientes. Apesar de sua alta prevalência, o diagnóstico do TAG ainda enfrenta desafios consideráveis, como a sobreposição de sintomas com outros transtornos mentais, a subjetividade na avaliação e a ausência de biomarcadores específicos. Esses fatores frequentemente resultam em subdiagnóstico ou diagnóstico tardio, comprometendo o acesso a intervenções precoces e eficazes (Alves *et al*., 2024).

Um dos principais obstáculos no diagnóstico do TAG é a similaridade de seus sintomas com outras condições, como transtornos depressivos e transtornos de pânico, além de comorbidades que podem mascarar a apresentação clínica. Essa sobreposição exige que os profissionais de saúde tenham habilidade para distinguir o TAG de forma criteriosa, o que nem sempre é possível, especialmente na ausência de ferramentas diagnósticas objetivas. De Andrade *et al*. (2023) destacam que essa dificuldade frequentemente leva a interpretações equivocadas e atrasos no início do tratamento adequado.

Outro fator importante é a estigmatização associada aos transtornos mentais, que desestimula muitos pacientes a buscar ajuda médica. O medo de julgamentos sociais e o desconhecimento sobre a gravidade do TAG são barreiras significativas para o diagnóstico precoce. Conforme Netto *et al*. (2022), essa questão é ainda mais agravada por preconceitos culturais, que muitas vezes normalizam os sintomas de ansiedade como parte de um estilo de vida estressante, dificultando a conscientização e a intervenção.

Além disso, a diversidade cultural afeta diretamente a percepção e o relato dos sintomas de ansiedade, criando desafios adicionais na aplicação de critérios diagnósticos universais. Estudos de Vidal *et al*. (2020) indicam que diferenças na expressão emocional e nos padrões culturais podem levar ao subdiagnóstico em populações específicas. Isso ressalta a necessidade de adaptar as ferramentas e os critérios de avaliação para garantir que sejam inclusivos e culturalmente apropriados, ampliando a precisão diagnóstica.

Por fim, embora avanços tecnológicos, como inteligência artificial e biomarcadores, ofereçam novas possibilidades para a identificação do TAG, sua aplicação prática ainda enfrenta desafios relacionados a custo e acessibilidade. Bellora *et al*. (2021) enfatizam que a integração dessas ferramentas no cotidiano clínico pode melhorar significativamente a detecção precoce e o manejo do transtorno, mas requer esforços conjuntos para superar barreiras estruturais e profissionais. Assim, uma abordagem multidimensional, que combine tecnologia, capacitação e conscientização, é essencial para superar os desafios no diagnóstico do TAG.

Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios associados ao diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), destacando as barreiras mais comuns, como a sobreposição de sintomas, a influência da estigmatização e as limitações dos critérios diagnósticos em diferentes contextos culturais. Além disso, busca explorar soluções inovadoras, como o uso de tecnologias avançadas e estratégias de conscientização, com o intuito de promover a identificação precoce e melhorar a precisão diagnóstica, contribuindo para um manejo mais eficaz e inclusivo dessa condição.

**2. METODOLOGIA**

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura utilizando os termos "Descritor em Ciências da Saúde (DeCS)": “Diagnóstico Precoce”, “Ansiedade Generalizada” e “Barreiras”. As bases de dados consultadas foram *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Medline e Lilacs. O operador booleano "*AND*" foi empregado para combinar os descritores, com o objetivo de identificar estudos que abordassem os desafios no diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), incluindo as barreiras existentes e estratégias para superá-las.

A seleção dos artigos foi orientada por critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, priorizando publicações que analisassem fatores clínicos, culturais e tecnológicos relacionados ao diagnóstico do TAG. Foram incluídos artigos completos publicados entre 2020 e 2024, que tratassem diretamente da temática proposta. Entre os critérios de exclusão, descartaram-se estudos repetidos, artigos pagos e aqueles que não apresentaram uma relação clara com os aspectos centrais do diagnóstico precoce ou barreiras associadas.

A busca inicial resultou em 145 artigos relevantes. Após uma leitura criteriosa e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 14 artigos foram selecionados para análise detalhada. Esses estudos forneceram uma visão abrangente sobre os desafios enfrentados na identificação do TAG, os fatores que dificultam o diagnóstico precoce e as estratégias inovadoras para melhorar a acurácia e a eficiência do processo diagnóstico, contribuindo para o avanço no manejo dessa condição prevalente e complexa.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os estudos analisados destacaram que o diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) enfrenta inúmeros desafios, sendo a sobreposição sintomática com outros transtornos mentais uma das principais barreiras. Muitos dos sintomas, como inquietação e dificuldade de concentração, são compartilhados com condições como depressão e transtorno do pânico, dificultando a diferenciação clínica. Segundo De Paula *et al*. (2024), essa sobreposição requer instrumentos diagnósticos mais precisos para evitar diagnósticos equivocados.

Outro ponto evidenciado é a subjetividade inerente à avaliação dos sintomas do TAG, especialmente em casos onde não há biomarcadores objetivos para confirmar o diagnóstico. Estudos sugerem que os profissionais frequentemente se baseiam exclusivamente em relatos dos pacientes, o que pode levar a subdiagnóstico ou diagnósticos imprecisos. Cortesini *et al*. (2023) aponta que a falta de ferramentas padronizadas para avaliação é um fator limitante no manejo clínico do transtorno.

A estigmatização associada aos transtornos mentais também foi amplamente citada como um obstáculo significativo. Muitos pacientes relataram evitar buscar ajuda devido ao medo de serem rotulados ou julgados socialmente. Rudnicki *et al*. (2022) ressaltam que campanhas de conscientização e desestigmatização são fundamentais para aumentar a busca por ajuda médica e promover diagnósticos mais precoces.

Além disso, os critérios diagnósticos atuais, como os do DSM-5, podem não capturar adequadamente as variações culturais na expressão dos sintomas de ansiedade. Estudos apontam que diferenças culturais afetam a forma como os sintomas são relatados, o que pode levar ao subdiagnóstico em populações específicas. Arrigoni *et al*. (2021) destacam a necessidade de adaptação dos critérios para atender às particularidades de diferentes contextos culturais.

Outro aspecto relevante é a falta de formação especializada de profissionais de saúde na identificação do TAG. Muitas vezes, clínicos gerais são os primeiros a atender pacientes com sintomas de ansiedade, mas carecem de treinamento específico para realizar um diagnóstico preciso. Menezes *et al*. (2024) enfatizam que programas de educação continuada e treinamento em saúde mental são essenciais para superar essa lacuna.

Em contrapartida, os avanços tecnológicos têm mostrado potencial para melhorar o diagnóstico do TAG. Ferramentas baseadas em inteligência artificial e aprendizado de máquina podem ajudar a identificar padrões sintomáticos de forma mais rápida e precisa. Suzigan *et al*. (2024) afirmam que essas tecnologias podem complementar as avaliações clínicas, aumentando a acurácia diagnóstica e reduzindo o tempo de identificação.

Os estudos também evidenciaram que a falta de integração entre serviços de saúde mental e outros setores do sistema de saúde contribui para o diagnóstico tardio. Muitos pacientes são atendidos em ambientes clínicos gerais sem acesso a especialistas em saúde mental. Segundo *et al*. (2016), melhorar a integração dos serviços pode facilitar o acesso a cuidados especializados e reduzir as barreiras ao diagnóstico.

A pesquisa também apontou que ferramentas de triagem, como questionários padronizados, são úteis, mas têm limitações, especialmente em populações que apresentam baixa alfabetização ou diferenças linguísticas. Esses fatores dificultam a aplicação universal desses instrumentos. Soares *et al*. (2020) sugerem que a adaptação cultural e linguística dessas ferramentas é fundamental para garantir sua eficácia em diferentes contextos.

Outro fator identificado foi o impacto das barreiras financeiras no acesso ao diagnóstico precoce. Em muitos contextos, a falta de cobertura para serviços de saúde mental ou os altos custos associados desencorajam pacientes a buscar ajuda. De Moraes *et al*. (2022) destacam a importância de políticas públicas que garantam acesso equitativo a serviços de saúde mental, reduzindo desigualdades nesse campo.

Por fim, a revisão mostrou que superar os desafios no diagnóstico do TAG requer uma abordagem multidimensional, que combine conscientização, formação profissional, inovação tecnológica e adaptação cultural. Isso é essencial para melhorar o diagnóstico precoce e o manejo do transtorno, promovendo melhores resultados para os pacientes. Segundo Ronzani *et al*. (2023), iniciativas integradas e interdisciplinares têm maior probabilidade de abordar os múltiplos fatores que dificultam a identificação do TAG.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é uma tarefa complexa, influenciada por fatores como sobreposição sintomática, subjetividade na avaliação clínica e barreiras socioculturais. Os resultados desta revisão sistemática evidenciam que, apesar dos avanços no entendimento do TAG, ainda existem lacunas significativas que limitam a identificação precoce e eficaz do transtorno. A ausência de biomarcadores específicos e a dependência de critérios diagnósticos que nem sempre capturam as nuances culturais e individuais reforçam a necessidade de estratégias mais robustas e inclusivas.

Além disso, fatores como a estigmatização associada aos transtornos mentais e a insuficiente formação de profissionais de saúde contribuem para atrasos no diagnóstico, prejudicando o manejo adequado dos pacientes. Campanhas de conscientização e treinamentos especializados são ferramentas essenciais para reduzir essas barreiras. Paralelamente, os avanços tecnológicos, como inteligência artificial e ferramentas de triagem aprimoradas, oferecem oportunidades promissoras para melhorar a acurácia e a eficiência do diagnóstico, mas sua implementação requer investimentos e políticas voltadas à ampliação do acesso.

Portanto, superar os desafios no diagnóstico do TAG exige uma abordagem integrada e multidimensional. A combinação de inovação tecnológica, adaptação cultural, formação contínua de profissionais e políticas públicas voltadas à equidade no acesso à saúde mental é crucial para transformar o cenário atual. Com isso, será possível identificar o TAG de forma mais precoce e precisa, garantindo melhores resultados terapêuticos e uma qualidade de vida significativamente maior para os pacientes afetados por essa condição.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Amanda Vasconcelos *et al*. A Contribuição da Psicofarmacologia no Tratamento dos Transtornos de Ansiedade: Avanços e Desafios. **Editora Licuri**, p. 14-26, 2024.

ARRIGONI, Alessandra Cristina Braçale *et al*. A Reestruturação Cognitiva como Intervenção na Redução das Interpretações Catastróficas no Transtorno de Ansiedade Generalizada. **Revista Eixo**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2021.

BELLORA, Roberta Magalhães *et al*. Transtornos de Ansiedade em Idosos: prevalência, perfil e fatores associados em um ambulatório de Psiquiatria Geriátrica de Porto Alegre, Brasil. **PAJAR-Pan-American Journal of Aging Research**, v. 9, n. 1, p. e40528-e40528, 2021.

CORTESINI, Gabriel; MARTINS, João Paulo. Análise epocal do fenômeno da ansiedade por uma perspectiva fenomenológica. **Revista Conexão Saúde FIB**, v. 6, 2023.

DE ANDRADE, Gabriel Marques Lima; GRUBITS, Heloísa Bruna; JUSTI, Jadson. A cinoterapia no transtorno de ansiedade generalizada na infância: um estudo de caso. **Peer Review**, v. 5, n. 17, p. 79-95, 2023.

DE PAULA, Luiza Corsino *et al*. Transtornos psiquiátricos prevalentes na infância: lidando com desafios comportamentais. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 1, p. 728-760, 2024.

DE MORAES, Lizandra Furtado Ramos; BUENO, Helen Paola Vieira. A ANSIEDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM FASE DE CONCLUSÃO DE CURSO: UM ESTUDO DE CASO. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 1, n. 10, p. 5-18, 2022.

MENEZES, Carlos Alexandre Gomes Passarinho *et al*. Aplicação da Inteligência Artificial em transtornos mentais: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 4, p. e71764-e71764, 2024.

NETTO, Antônio Bernardes *et al*. DEPRESSÃO PSICÓTICA ASSOCIADA A ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO: ESTUDO DE CASO. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 26, n. 2, 2022.

RONZANI, Leticia Domingos *et al*. DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DO ADULTO: ARMADILHAS E DIFICULDADES DIAGNÓSTICAS. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 27, n. 2, 2023.

RUDNICKI, TÂNIA *et al*. Dores crônicas e interfaces com transtornos mentais. **Casos Clínicos em Saúde Mental: Diagnóstico e Indicação de Tratamentos Baseados em Evidências**, 2022.

SOARES, Adriana Benevides; MONTEIRO, Marcia Cristina Lauria de Moraes; SANTOS, Zeimara de Almeida. Revisão sistemática da literatura sobre ansiedade em estudantes do ensino superior. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 3, p. 992-1012, 2020.

SUZIGAN, Mariana Silva *et al*. Neurobiologia dos transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 6109-6130, 2024.

VIDAL, Denise Venturini; CORRÊA, Andriza Saraiva. Biofeedback: um recurso terapêutico para os transtornos de ansiedade. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 21, n. 2, p. 217-228, 2020.